

## Sistema eleitoral brasileiro estimula o voto útil, diz vencedor do Nobel de economia

[Clique aqui para ver a notícia no site](#)

RIO — O sistema brasileiro de eleições em dois turnos estimula o voto útil e faz com que os eleitores percam mais tempo tentando imaginar como os outros vão votar do que analisando os candidatos para formar suas próprias preferências. A avaliação é do economista americano Eric Maskin, ganhador do prêmio Nobel de Economia em 2007, que apresentou sua pesquisa sobre sistemas eleitorais na escola de negócios e finanças da Fundação Getúlio Vargas, no Rio, na tarde de segunda-feira (28). Para o professor das universidades de Harvard e Princeton, o sistema atual faz a experiência do voto difícil e incômoda para a maioria dos eleitores. Ele sugere a adoção de modelos que permitam o voto em mais de um candidato.

Maskin analisou os principais sistemas de votação no mundo para apontar fragilidades quanto à capacidade de um governante ser escolhido com a expressão mais fiel possível da preferência da maioria. O sistema brasileiro, que ele aponta como similar ao da França, teria como princípio a formação de maioria absoluta, evitando a vitória de um presidente com votação menor do que a soma dos outros candidatos. Na prática, o economista observa que a possibilidade de um concorrente que desagrada ao eleitor chegar ao segundo turno pode mudar a decisão. É o chamado voto útil, em que um cidadão deixa de lado sua preferência para votar em outro candidato e evitar o que pensa ser um mal maior.

Para Maskin, o sistema brasileiro incentiva as pessoas a votar de forma pragmática, invertendo a lógica da escolha de candidatos. Os eleitores dedicam menos tempo a conhecer os concorrentes e ouvir suas propostas para formar sua convicção, obrigados a se ocupar das chances de cada um. Precisam tentar descobrir como os outros eleitores vão votar para então decidir. Dessa forma, as pesquisas de intenção de voto acabam assumindo o protagonismo da campanha eleitoral, deixando as propostas em segundo plano. Os eleitores tendem a focar mais nas notícias sobre os dois candidatos principais, observa o economista, reduzindo as chances de quem largou mais atrás.

— Os eleitores não deveriam ter incentivos para colocar suas preferências em segundo plano e votar estrategicamente. Quando fazem isso, expressam outras preferências e o sistema de votação é distorcido. É importante evitar distorções no processo eleitoral — afirmou.

Maskin também apontou problemas no sistema americano, que chamou de pluralista, onde os candidatos a presidente precisam vencer no maior número de estados para chegar à Casa Branca. Nesse caso, os votos dos eleitores do candidato perdedor em cada estado são desconsiderados, abrindo a possibilidade de um presidente ser eleito mesmo sem a maioria dos votos em todo o país. Ele citou como exemplo a disputa entre George W. Bush e Al Gore em 2000. O republicano venceu o democrata por causa da Flórida, onde uma recontagem deu vitória a Bush por margem muito apertada.

Em cerca de uma hora e meia, o economista exibiu slides com fórmulas matemáticas complicadas para demonstrar que nenhum sistema de votação é perfeito. De qualquer forma, defendeu modelos que permitam aos eleitores votar em mais de um candidato. Segundo seus cálculos, isso poderia reduzir as distorções que apontou nos sistemas brasileiro e americano. Num dos modelos que citou, a regra eleitoral permitiria que o eleitor votasse em dois ou três candidatos, hierarquizando-os num ranking de preferência pessoal na urna. Assim, o que tivesse mais votos seria o vencedor de uma disputa baseada numa comparação mais fina com os rivais. Em outro exemplo, o eleitor escolheria três candidatos. O que ele

estabelecesse como o número 1 ganharia um ponto. O número 2, dois pontos. E o 3, três pontos. Venceria o candidato com menos pontos, num sinal de que foi o escolhido mais vezes em primeiro lugar. O eleitor poderia inclusive escolher votar do modo tradicional, apontando apenas um nome.

— Dessa forma, o eleitor que não vê diferença entre um candidato e outro pode deixar para outro decidir quem é o melhor, sem ter que escolher um deles e influenciar a eleição, o que é uma decisão complicada.

Maskin admite que é muito difícil mudar os sistemas eleitorais atuais dos países. No entanto, apontou algumas experiências regionais nos Estados Unidos e Austrália. Ao explicar por que um economista com o mais importante prêmio da economia mundial na estante foi estudar as eleições, justificou dizendo que a análise política tem “uma correspondência muito próxima” com a econômica: o objetivo final é o melhor aproveitamento dos recursos. No caso, dos votos.

Leia a entrevista:

O senhor aponta problemas em todos os sistemas de votação, mas se mostra mais crítico ao adotado em países como a França e o Brasil, de eleição em dois turnos. É um sistema que estimula o voto útil?

Não estimula só o voto útil exatamente, mas força os eleitores a votar estrategicamente, para evitar efeitos negativos. Na eleição da França em 2002, o candidato da esquerda, Lionel Jospin, acabou recebendo votos de quem talvez não votaria nele para evitar que (o direita) Jean-Marie Le Pen fosse ao segundo turno. Não é que eu tenha algo contra o voto útil, minha objeção é com um sistema que obriga os eleitores a votar estrategicamente.

É como ter uma eleição negativa, em que o eleitor vota para evitar o pior em vez de escolher o que realmente quer?

Sim, é uma perspectiva negativa e também uma situação que faz da decisão uma coisa difícil para os eleitores. Para votar estrategicamente, você tem que antecipar o que os outros eleitores vão fazer. Então você não precisa conhecer apenas suas próprias preferências, mas o que os outros eleitores provavelmente preferem. Isso é muito difícil! Eu não acho que é justo colocar os eleitores nessa posição em que eles têm que fazer esses cálculos antes de votar.

Nesse sentido, nosso sistema dá às pesquisas uma importância exagerada?

Sim. Se você tem um sistema que é manipulável (no sentido de favorecer o voto útil), os eleitores realmente vão precisar de pesquisas para conhecer o voto dos outros e então decidir como eles próprios devem votar.

Isso tira tempo dos eleitores para conhecer melhor todos os candidatos?

Sim. Os eleitores passam mais tempo recebendo informações sobre o que os outros eleitores pensam. E isso não é tão importante quanto saber o que os candidatos defendem.

O senhor elogia sistemas em que os eleitores votam em mais de um candidato, mas reconhece que não é fácil colocá-los em prática. Algum país já tentou algo similar?

Não foi feito ainda num nível nacional, com exceção da Austrália, que aplicou para uma das câmaras do parlamento, mas não para a escolha do primeiro-ministro. As pessoas puderam escolher dois candidatos, em ordem de preferência. Também já foi feito em algumas eleições municipais americanas, como São Francisco e Minneapolis. Há exemplos já em pleitos substanciais. Ainda não foi experimentado em eleições presidenciais, mas eu acredito que em algum tempo será.